

PERSPECTIVAS

Sociedade civil planetária, com opinião pública global

A chegada de uma pandemia não é uma surpresa e já era, inclusive, esperada, como apontavam cientistas e médicos há muitos anos. Tanto que até produções culturais, como longas-metragens hollywoodianas, mostravam cenários que lembram o vivido hoje. Mas, apesar disso, a humanidade não estava preparada para a realidade que se instalou com a propagação do coronavírus pelo mundo. Se pandemias foram recorrentes na história, a diferença dessa é que ela é uma experiência existencial compartilhada mundialmente, opina o economista e ecologista Sergio Besserman Vianna. Tal condição dá outros aspectos ao cenário de agora e aponta possibilidades reais para que a sociedade escolha viver mudanças futuras. Apesar da certeza de que não acontecerão de forma rápida, Besserman acredita que, a partir desta crise, questões como a necessidade de uma governança global para enfrentar problemas planetários entrarão no foco, assim como mudanças do cotidiano das sociedades, que passam por temas como mobilidade, consumo e produção. Ele também prevê o fortalecimento de uma opinião pública mundial e o início da constituição da sociedade civil planetária. Estudioso das consequências econômicas e sociais da mudança climática global, Besserman alerta ainda para os danos que a crise climática pode provocar e que, segundo ele, são infinitamente maiores que os da pandemia da Covid-19.

Por TERESA LEVIN tlevin@grupomm.com.br

Meio & Mensagem — O cenário já era desafiador para a humanidade, por conta da intensificação da crise ambiental. A Covid-19, que altera ainda mais essa realidade, terá algum reflexo nestas questões que já se mostravam alarmantes e urgentes?

Sergio Besserman Vianna — É uma resposta paradoxal, mas ela tem sim a ver com resultado da história. Estamos degradando o ambiente natural, seja por desmatamento, pelo hábito de comer animais silvestres ou pela proporção que tomamos. Somos muito mais gente, sete bilhões de pessoas. A velocidade com que um agente patogênico se transmite passa a ser muito impressionante. Há características no mundo contemporâneo que favoreceram esta pandemia, e que possivelmente favorecerão outros agentes patogênicos. Mas, todas as gerações de sapiens da história tiveram pandemias antes. As características do mundo moderno favorecem o surgimento de pandemias, ao mesmo tempo que favorecem a possibilidade de enfrentamento delas, seja com engenharia social, coesão social — disciplina, isolamento, que é o único remédio que temos —, seja com a tecnologia, que nos alimenta de esperança de que teremos um remédio, uma vacina, em um ano e meio, dois ou até antes. Agora, não é obrigatório que a pandemia mude a forma de ser da civilização atual. Não é sempre que pandemias são ve-

tores estruturantes da história. A peste negra abreviou de certo modo a Idade Média e favoreceu o surgimento do Renascimento. Já a influenza, por exemplo, em 1918, não teve impacto na história. A Primeira Guerra Mundial e a Revolução Soviética, ocorrendo ao mesmo tempo, foram muito mais impactantes. Essa atual dependerá do contexto histórico. Mas, na minha visão da história, olhando para trás e para frente, será profundamente impactante nos anos e décadas que vêm por aí. Não por causa dela em si. Ela terá impactos, vamos mudar hábitos de higiene, as máscaras serão mais comuns. O mundo nunca mais voltará a ser off-line totalmente: vamos passar a nos encontrar, fazer palestras, dar aulas online. Mas tudo isso é micro.

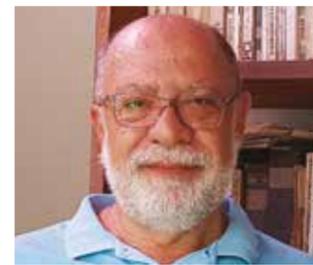
M&M — Então, o que é macro?

Besserman — O que é inédito na história da humanidade é que a atual pandemia ocorre provocando uma experiência existencial compartilhada simultaneamente por sete bilhões de pessoas. Indivíduos na capital da Indonésia, no Rio, em Moscou ou Nova York compartilham o isolamento social, as dificuldades econômicas. Há o sentimento de que a humanidade foi pega despreparada, sem que houvesse razão para isso. As páginas da ciência, da medicina, já indicavam que em um mundo tão conectado, com tantas viagens de avião, um patógeno com capacidade de con-

tágio provocaria um desastre imenso, sabíamos há 20 anos pelo menos. Vou sugerir um pesadelo: e se o Ebola fosse contagioso por gotículas no ar, em vez de necessitada troca de secreções? O mundo teria vivido um pesadelo pior do que a peste negra. Tivemos sustos que nos avisavam. Uma curiosidade, mas não deixa de ser indicativo, é a quantidade de filmes explorando o tema epidemia e contágio. Mas quando acontece, percebemos que o sistema de saúde de um país não tem conexão com o dos demais, o que é absurdamente precário. A OMS vem cumprindo seu papel, mas ele é limitadíssimo. Falta ao mundo uma governança global, não é governo mundial, não é desafio à soberania de estados e nações. Mas se o problema é global, a resposta tem que ser global. Ao mesmo tempo, vale notar que o mundo nunca foi tão rico. Mas é paradoxal ter um mundo tão rico, com tanta produtividade, e uma intensa desigualdade, que gera uma multidão de pessoas vulneráveis à epidemia por falta de renda, de condições de habitação, de saneamento básico. E, também, vulneráveis pela ignorância de seus governantes. Muitos países, e lamentavelmente o Brasil é um deles, poderiam evitar muitos milhares de mortes adotando providências conhecidas há mais de um século.

M&M — Quais transformações esta pandemia de Covid-19 pode gerar?

Besserman — Ela será como um raio, que quando cai provoca fogo, destruição, perda de vidas, sofrimento e, nessa hora, é nisso que temos que colocar nossa atenção. Mas, seja a fagulha do raio ou o relâmpago que vem com ele, ambos iluminam a noite. Se não tiver nada de espetacular para ser visto na noite, ou se já estiver visível, como era o caso da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Soviética, o relâmpago não iluminará nada desconhecido. Agora, em 2020, já estamos há duas ou três décadas com atitudes negacionistas da realidade: o negacionismo da ciência, por exemplo, e uma prevalência do relativismo cultural de que todas as ideias são igualmente válidas e verdadeiras. Mas não é assim que o debate democrático funciona, é preciso que as ideias sejam contrastadas com as evidências, que os argumentos sejam consistentes. É impossível se aproximar do conhecimento da realidade por meio de um debate relativista. O raio vem junto com o relâmpago e pega uma noite em que temos fenômenos sociais e biofísicos acontecendo, que são muitíssimo maiores do que a pandemia e, mesmo em um cenário mais otimista, já que nos atrasamos décadas do enfrentamento deles, vão gerar mais óbitos em escala. Mas, da mesma forma que sabíamos que uma pandemia viria e negamos, hoje também há negação. Assim como um indivíduo nega coisas da sua própria vi-



DIVULGAÇÃO

SERGIO BESSERMAN VIANNA

Professor do Departamento de Economia da PUC-RJ desde 1982, participou do Executive Program On Climate Change & Development, no Harvard Institute for International Development. É membro do conselho diretor ou consultivo de ongs como WWF, CI e Fundação Roberto Marinho. Anteriormente, atuou no BNDES, onde ocupou, entre outras funções, a diretoria de planejamento, no final da década de 1990. Depois, foi presidente do IBGE, do Instituto Pereira Passos e do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.



DOMIN_DOMIN-ISTOCK

da, suas neuroses, as espécies e a civilização também negam, por medo, acomodação ou poderes estabelecidos que querem impedir as mudanças e impedem a discussão aberta. Essa experiência emocional compartilhada por todos nós tem o efeito de um grito coletivo. E as coisas que estavam represadas, essas fichas que ninguém deixava cair, agora não têm como não cair.

M&M — O que estamos vivendo agora atinge as diversas esferas e comportamentos e ainda temos em paralelo a urgência nesta questão climática. Teremos padrões de consumo, linhas de produção alterados?

Besserman — Não creio em nada brusco, normalmente não é desta forma, muito menos em uma história global. Não vamos despertar e seguir outra estrada, pelo contrário, a própria recessão e a perda de bem-estar, além do sofrimento para populações pobres, contadas as centenas de milhões, talvez gerem um retorno muito rápido da produção do consumo quando a pandemia for superada. Na última pandemia, em 1918, em algumas cidades americanas a volta ao crescimento foi muito rápida, principalmente nas que adotaram o isolamento social rigoroso e pagaram um preço maior durante a epidemia. Aqueles que em nome da economia, da produção, hesitaram e se mantiveram abertas, e, portanto, a gripe se abateu sobre elas de forma ainda mais forte, demoraram bem mais, e com muito menos robustez, para voltar ao crescimento econômico. O primeiro movimento será de retomada, sem grandes mudanças, e isso vai demorar um pouco até que um remédio, uma vacina, venha para reas-

“Essa experiência emocional compartilhada por todos nós tem o efeito de um grito coletivo. E as coisas que estavam represadas, essas fichas que ninguém deixava cair, agora não têm como não cair”

segurar os fluxos de renda. No segundo momento — e não é um depois do outro, podem vir juntos —, vamos assistir a coisas muito interessantes, como uma opinião pública mundial e o início da constituição da sociedade civil planetária, com a percepção de que isso não ameaça a soberania dos estados, das nações. Elas já perderam a soberania na macro economia global, no exercício de políticas sociais. Uma governança global é, inclusive, uma forma de restabelecer mais soberania aos estados nacionais.

M&M — A pandemia da Covid-19 faz as pessoas migrarem para home office, reduz deslocamentos e leva algumas li-

deranças empresariais a repensarem a questão da mobilidade, de reuniões que poderiam ser evitadas, viagens desnecessárias. A vida urbana será afetada?

Besserman — Percebemos que as coisas podem ser mudadas e isso terá um impacto nas cidades, na vida cotidiana. Posso citar o exemplo mais irônico: nas COPs, as conferências de mudança climática realizadas todos os anos, milhares de pessoas vão para uma cidade, esquentam o planeta para caramba, ficam lá discutindo, e depois voltam para suas casas. Participei de várias delas, mas que cabimento tem isso no mundo de hoje? A mesma coisa vale para o home office. Isso vai mudar sim, completamente. Assim como a ideia do consumo ostentatório, que, embora não vá morrer, é um dos vexames. Na Índia, por exemplo, têm as castas e achamos um absurdo. Ah, no Brasil não tem isso? Tem sim, é o consumo. A primeira coisa que um rapaz que se torna gerente do tráfico em uma favela carioca faz é se vestir de grife, com relógio grande, ouro no pescoço. Assim ele diz para toda a comunidade: olha eu aqui. Por que, por exemplo, a indústria automobilística, que é importante no mundo, produz veículos com velocidades que são proibidas em qualquer estrada do mundo? Esse mundo cego pela roda girando está com problemas e a pandemia iluminou isso. Não vai ser nada rápido, brusco, não será uma tomada de consciência. São interesses, mas a velocidade da mudança e da transformação vai se alterar, até porque estamos muito atrasados.

M&M — Que outras lições a humanidade poderá tirar dos traumas dessa pandemia?

Besserman — Tem um ditado de um povo africano que diz que a sociedade cresce quando homens e mulheres plantam árvores para dar sombras que nunca chegarão a ver. A humanidade agora está à frente deste dilema, é uma redefinição do próprio humano. Vamos plantar árvores para dar sombra que não vamos ver? Ou não? Vamos construir quem nós somos com nossas escolhas, é um momento como o do Renascimento e Iluminismo. Se formos capazes de pensar em um horizonte de tempo maior, em um contexto social maior, e não em um ato ilusoriamente isolado, construiremos um tipo de humano. Mas, se continuar nesta marcha da insensatez, a humanidade vai sobreviver, o planeta também, a vida seguirá, mas com muito sofrimento. E nós estaremos decidindo quem é o humano e será este cuja consciência é incapaz de se alargar no tempo. A espécie humana precisa ampliar a consciência. As empresas poderão ser agentes impulsionadores dessa transformação ou obstaculizantes. A transformação se dará por mudanças nos hábitos e comportamentos das empresas, já estão ocorrendo em muitas e é extremamente louvável, mas se dará também com o passo seguinte. Assim como para o indivíduo: não basta que eu economize energia, consuma de forma consciente. Somos uma sociedade e temos que mudar a sociedade. Nossas mudanças de comportamento são fundamentais, mas não porque somadas vão mudar o mundo. Elas nos dão a força moral do testemunho, seja de indivíduos, empresas ou unidades governamentais, para dizer: é possível e necessário, vamos apagar o incêndio.